

Maria Alice Melo Faria

**Grupos on-line com adolescentes: uma proposta de acolhimento
durante a pandemia da covid-19**

**Uberlândia
2022**

Maria Alice Melo Faria

**Grupos on-line com adolescentes: uma proposta de acolhimento
durante a pandemia da covid-19**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Marciana Gonçalves Farinha

**Uberlândia
2022**

Maria Alice Melo Faria

**Grupos on-line com adolescentes: uma proposta de acolhimento
durante a pandemia da covid-19**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marciana Gonçalves Farinha

Banca Examinadora

Uberlândia, 19 de agosto de 2022

Prof.^a. Dr^a. Marciana Gonçalves Farinha (Orientadora)
Universidade Federal de Uberlândia - Uberlândia, MG

Prof.^a. Dr^a. Cirlei Evangelista Silva (Examinadora)
Universidade Federal de Uberlândia - Uberlândia, MG

Mestre Johnatan Martins Sousa (Examinador)
Universidade Federal de Goiás - Goiânia, GO

**Uberlândia
2022**

Resumo

Apesar dos adolescentes não serem considerados uma população de risco de mortalidade pela infecção da covid-19, a pandemia provocou impactos na saúde mental e bem-estar dos jovens. Considerando que o distanciamento social foi a principal medida de contenção, antes da evolução da vacinação mundial, o modelo on-line de acolhimento em saúde mental tornou-se uma alternativa ainda mais presente durante esse momento de restrições. Dessa forma, o objetivo do trabalho foi descrever a experiência de realização de grupos on-line com adolescentes durante a pandemia da covid-19. A investigação trata-se de um relato de experiência de natureza descritiva de uma pesquisa intervenção de abordagem qualitativa. Foram realizadas 15 rodas de conversa on-line, abertas à participação de adolescentes de 14 a 19 anos, de uma escola estadual de Minas Gerais, através do *Google Meet*. A análise dos resultados foi baseada nas cinco etapas do movimento de realização do real proposto por Critelli. Nota-se que, as rodas de conversa promoveram um espaço de acolhimento para os adolescentes, que puderam compartilhar suas angústias e experiências, vivenciados durante a pandemia da covid-19. Dos desafios encontrados no desenvolvimento dos encontros estão: problemas de conexão da *internet*, ferramentas de áudio e vídeo que não funcionavam, falta de espaços reservados e dificuldade para lidar com o silêncio. Os grupos em formato on-line trouxeram algumas particularidades que precisam ser observadas pelos coordenadores ao planejarem esse modelo de intervenção, acredita-se que o presente trabalho conseguiu elencar algumas destas questões.

Palavras-chave: Adolescentes; covid-19; Grupos; On-line; Pandemia.

Abstract

Although adolescents are not considered a population at risk of mortality from covid-19 infection, the pandemic has had an impact on the mental health and well-being of young people. Considering that social distancing was the main containment measure, before the evolution of world vaccination, the online model of mental health care has become an even more present alternative during this time of restrictions. Thus, the objective of the study was to describe the experience of conducting online groups with adolescents during the covid-19 pandemic. The investigation is an experience report of a descriptive nature of an intervention research with a qualitative approach. 15 online conversation circles were held, open to the participation of adolescents aged 14 to 19 years, from a state school in Minas Gerais, through Google Meet. The analysis of the results was based on the five stages of the movement of realization of the real proposed by Critelli. It is noted that the conversation circles promoted a welcoming space for adolescents, who were able to share their anxieties and experiences, experienced during the covid-19 pandemic. Among the challenges encountered in the development of the meetings are: internet connection problems, audio and video tools that did not work, lack of reserved spaces and difficulty dealing with silence. The groups in online format brought some particularities that need to be observed by the facilitators when planning this intervention model, it is believed that the present work managed to list some of these issues.

Keywords: Teenagers; covid-19; Groups; Online; Pandemic.

Sumário

1. Introdução.....	7
2. Método.....	11
2.1. Caracterização dos grupos.....	11
2.2. Participantes.....	12
2.3. Instrumentos.....	13
2.4. Procedimentos Éticos.....	13
2.5. Análise dos dados	14
3. Resultados e Discussão.....	14
3.1. Covid-19: vivências que se esbarram.....	16
3.2. Os grupos nas casas.....	18
3.3. Silêncio! Eu quero falar.....	20
3.4. Violências: algo a mais me atravessa.....	24
4. Considerações Finais.....	27
Referências.....	29

1. Introdução

Em março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS), decretou pandemia para a infecção e transmissão do SARS-CoV-2, sendo considerada uma ameaça à saúde individual e coletiva (Costa, Gonçalves, Oliveira, & Carlos, 2021). Os autores ainda destacam que, apesar dos jovens não se enquadrarem na população de risco da doença, os fatores derivados deste contexto, como o distanciamento social, podem causar impactos significativos para a vida dos mesmos (Costa et al., 2021).

Conforme argumentado por Mirabella (2013), o homem e o mundo constituem uma unidade indissolúvel, por essa razão os seres afetam e são afetados pelos acontecimentos, gerando percepções, sentimentos, pensamentos e a ação. Para Zanella e Zanini (2013), o sujeito é um ser em relação e o processo de tornar-se adolescente gera uma série de mudanças no organismo-meio, que podem ser acompanhadas de introjeções, ambiguidades e conflitos. Dessa forma, a inserção nos espaços sociais, mostra-se como fundamental na busca do jovem por seu lugar no mundo.

Branquinho, Santos e Matos (2020), apontaram que apesar de fundamental, a medida de distanciamento social não afeta somente o bem-estar e a saúde dos adolescentes, mas também o processo de desenvolvimento. O agravamento da vulnerabilidade econômica e social, o cancelamento ou adiamento dos planos, devido às incertezas com relação ao futuro e a inibição das interações sociais, segundo os autores, são exemplos de aspectos que prejudicam o desenvolvimento. Somado a isso, a literatura recente da área aponta como uma grande preocupação o comportamento sedentário dos adolescentes e o aumento do tempo de tela, que consiste no tempo gasto na utilização dos dispositivos eletrônicos (Costa et al., 2021; Malta et al., 2021). Estes fatores contribuem para o aumento significativo de estresse e ansiedade, também listados por Costa et al. (2021).

De todo modo, sendo a principal medida de contenção da transmissão do vírus, as aulas presenciais das escolas pelo mundo tiveram de ser suspensas, a OMS estima que com o fechamento das instituições escolares, cerca de 1,5 bilhão de crianças e adolescentes ficaram sem frequentar as escolas (Santos, Pedroza, Donelate, & Silva, 2021). De acordo com as pesquisas realizadas pelo Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2021), um percentual de 90,1% das escolas não retornaram às aulas presenciais, somado ao fato de que apenas 72,8% das escolas estaduais e 31,9% das municipais implementaram o modelo de aulas on-line síncronas.

As mudanças acarretadas nesse caminho de transferência para o ensino remoto provocaram mudanças vertiginosas na realidade educacional, como a adoção das novas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TICs) (Melo, 2021). Muniz et al. (2021) corroboram para a discussão de que as TICs são instrumentos que contribuem para o exercício da cidadania, se configurando em um direito à cidade, pelas quais torna-se possível o acesso aos serviços públicos, a educação e as informações da sociedade. Entretanto, os autores postulam que para a promoção da inclusão digital, são necessárias formulações de políticas pensadas a partir da caracterização da população-alvo. Os autores também citam que a falta de acessibilidade à rede é composta por diversos fatores, sendo que há um denominador comum: as desigualdades socioespaciais, principalmente considerando as dimensões socioeconômicas e geopolíticas do Brasil.

Conforme destacado por Melo (2021), as medidas sanitárias adotadas para a prevenção da propagação do coronavírus desnudaram, ainda mais, as desigualdades e exclusões existentes no ensino brasileiro. Segundo a autora, uma das mais notáveis desigualdades escancaradas neste contexto foi o acesso aos recursos digitais. Diante desse descompasso, os professores e demais atores do sistema educacional assumiram uma postura autodidata para entender sobre as TICs

e também utilizaram de criatividade para adaptar os recursos e conseguir alcançar mais alunos (Melo, 2021).

Dado o exposto, é importante ressaltar que apesar da ascensão do uso das TICs, a edição de 2020 de uma pesquisa realizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR, 2021), demonstrou que a falta de acesso a dispositivos como celulares, computadores e internet nos domicílios ainda são um grande desafio para o ensino remoto das escolas, impactando no alcance e na permanência dos estudantes. A precariedade da infraestrutura tecnológica ainda pode somar para a desmotivação dos alunos em relação às atividades escolares, como também foi apontado por Muniz et al. (2021).

De modo semelhante, Beiras, Bronz e Schneider (2020) expõem que a pandemia provocou uma redefinição dos padrões de exercício da atenção psicossocial, impondo a necessidade de encontros mediados pela tecnologia. Eles destacam que, mesmo sendo crescente o número de pessoas que podem acessar a internet, outras variáveis precisam ser consideradas no planejamento de encontros on-line, como conexões instáveis, a impossibilidade de transmitir imagem ou até mesmo áudio e a falta de espaços reservados (Beiras, Bronz, & Schneider, 2020). Dessa forma, o processo de realização de grupos on-line torna-se ainda mais complexo, diante do ineditismo da situação mundial devido a covid-19. Por outro lado, para além dos desafios, este formato de grupo ainda pode favorecer um espaço de escuta e acolhimento, proporcionando vivências de fatores terapêuticos (Carneiro et al., 2020).

Diógenes (2020), considerando a teoria da Gestalt-terapia, expressa que os grupos são um sistema integrado, cuja totalidade não é a mera soma dos indivíduos que os compõem, mas pela qual são construídas relações interdependentes. Portanto, as redes de comunicação que vão se estabelecendo no campo grupal constituem o Espaço Vital, resultado da dinâmica das relações no aqui-agora. Em sua obra, Ribeiro (1994) já apontava que muitas vezes os grupos

não se enquadram em um modelo, visto que seus membros estabelecem relações entre si, o que pode resultar em diálogos livres entre eles, sem uma formalidade arraigada. Este fato não transmite apenas desinteresse ou uma fuga emocional, mas revela também a vontade de estarem juntos, segundo o autor.

De acordo com Diógenes (2020), o grupo é composto pelo princípio de autorregulação, ou seja, ele caminha em direção ao seu crescimento, bem como ao de seus participantes. A capacidade de se adaptar às situações é a tendência que o permeia, por isso os conteúdos não são fixos, mesmo que haja um objetivo central pré-determinado, o grupo expressa aquilo que lhe é importante no aqui-agora e fala o que é suportável perante o momento (Nunes et al., 2020). Isto posto, torna-se fundamental o papel do coordenador no acolhimento dos conteúdos trazidos, assim dizendo, na condução da figura e fundo vigente.

Segundo Ribeiro (1994), o coordenador de grupo precisa organizar sua percepção conforme o fenômeno imediato, em consonância com a teoria da figura e fundo, na medida em que o que é mais urgente torna-se mais visível. Do mesmo modo, pode não haver uma figura definida, ao passo que o grupo apenas vivencie esse movimento ou o coordenador revele isso aos membros, para que ambos reflitam sobre o fato (Ribeiro, 1994).

Para Diógenes (2020), o grupo seria como um núcleo de saúde, pois é vivo e transformador, que além das evidências que podem ser percebidas, produzem mistérios, estabelecidos desde os primeiros contatos. Estes últimos, ensejam a ampliação das fronteiras dos participantes, viabilizando a abertura a novas vivências e sentidos. Logo, a coesão grupal é a força que além de gerar o vínculo entres os membros, os faz sentir pertencentes àquele grupo, naquele tempo e espaço.

O presente trabalho tem como objetivo descrever a experiência de realização de grupos on-line com adolescentes durante a pandemia da covid-19. Em consonância com Nunes et al. (2020), entende-se que grupos são uma dinâmica vivencial derivada de interações que

favorecem reflexões e aprendizados. Desse modo, a pesquisa se justifica em virtude da lacuna bibliográfica sobre grupos com adolescentes, mesmo diante de evidências recentes sobre o impacto causado pela pandemia da covid-19 na saúde mental desses jovens.

2. Método

O presente estudo trata-se de um relato de experiência com a natureza descritiva de uma pesquisa-intervenção, pela abordagem qualitativa. De acordo com Szymanski e Cury (2004), a pesquisa qualitativa tem origens importantes na fenomenologia, que ao considerar o aspecto social e a historicidade do fenômeno humano, faz crítica ao objetivismo da ciência positivista. As autoras postulam que a epistemologia qualitativa não é menos rigorosa cientificamente, contudo prediz o encontro do pesquisador com o fenômeno, o que possibilita a abertura essencial para a pesquisa.

2.1. Caracterização dos Grupos

Os grupos aconteceram em formato de Rodas de Conversa, abertas aos estudantes do Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA), de uma escola estadual de Minas Gerais, com duração média de uma hora e meia cada encontro. Os grupos aconteciam às terças a noite e às quartas pela manhã, com horários previamente combinados entre os coordenadores e participantes. Ao todo, foram realizados quinze encontros on-line, entre abril e junho de 2021. Apenas uma Roda de Conversa teve um tema pré-estabelecido, os demais temas centrais foram escolhidos pelos participantes no início de cada encontro.

A coordenação dos grupos era realizada por estudantes da graduação de Psicologia, sendo dois cursistas do Estágio Profissionalizante em Clínica e Social, que se revezavam nos encontros e a pesquisadora que realizava o papel de co-coordenação. Foram realizadas supervisões semanais com uma psicóloga orientadora, nas quais eram discutidos sobre o

desenvolvimento e possíveis direcionamentos sobre o processo grupal, além de fazer a avaliação do encontro anterior e o planejamento do seguinte.

2.2. Participantes

Os adolescentes participantes da pesquisa eram estudantes de uma instituição estadual pública de uma cidade de Minas Gerais. De acordo com as informações cedidas pela escola, em 2020, haviam 902 alunos matriculados, considerando o ensino Fundamental, Médio e a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Segundo os dados, o nível socioeconômico das famílias atendidas era de médio a baixo e 44% dos estudantes exerciam atividades remuneradas.

Ademais, dos 902 alunos, 51% eram do sexo masculino e 49% do sexo feminino. Deste total, 45% se autodeclararam pardos, 42% brancos e 6% pretos, outros 6% não realizaram a autodeclaração raça/cor.

Para a realização dos grupos, a população selecionada inicialmente abrangeu os estudantes do ensino médio e EJA, porém, devido a uma manifestação de interesse, dois encontros tiveram a participação de uma aluna do nono ano do ensino fundamental. Dado o exposto, a faixa etária dos participantes foi de 14 a 19 anos, com a participação predominante de alunos do primeiro e terceiro ano do ensino médio, respectivamente.

Considerando as 15 rodas de conversa realizadas, houveram 25 participantes, alguns estiveram presentes apenas em um ou dois encontros, sendo que sete participaram em mais de cinco encontros. Apenas 20% do total eram do sexo masculino e 80% do sexo feminino. Dos sete assíduos, todas eram do sexo feminino.

2.3. Instrumentos

A divulgação das Rodas de Conversa foi realizada através das mídias sociais como *Instagram*, *Facebook* e *Whatsapp*. Ao longo do projeto, para estabelecer contato com os

participantes foi criado um grupo no aplicativo *Whatsapp*, no qual eram disponibilizados os *links* das chamadas que aconteciam pelo *Google Meet* e as demais informações sobre horários e dias do encontro. Também foram utilizados os grupos das turmas do ensino médio, via *Whatsapp*, para realizar a divulgação semanal do cronograma dos encontros. Ademais, para executar as transcrições das Rodas de Conversa, foi utilizado o recurso de Diário de Campo, por meio do *Google Docs*.

2.4. Procedimentos éticos

Conforme previsto na Resolução n. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde toda pesquisa com seres humanos deve ser referenciada nos termos da bioética, por envolver riscos em diferentes graduações às pessoas. Dessa forma, o projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Uberlândia, CAAE: 39362420.7.0000.5152.

Os participantes maiores de idade assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assim como os responsáveis dos menores de 18 anos, autorizando a participação na pesquisa. Além disso, todos os participantes, sendo menores de idade, assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), através da ferramenta *Google Forms*.

2.5. Análise dos dados

A análise dos dados será de acordo com as cinco etapas do movimento de realização do real proposto por Critelli (1996), cujo desdobramento não acontece em uma ordem específica e cronológica, mas sim em simultaneidade, são elas: o desvelamento, a revelação, o testemunho, a veracização e a autentificação.

Em primeiro plano, o desvelamento equivale ao mostrar-se do ente, tirá-lo de seu ocultamento, entretanto ao mesmo tempo em que uma faceta se mostra, outras possibilidades

se encontram veladas e não se pode tentar iluminá-las. A segunda etapa, a revelação, é referente àquilo que é desvelado só é confirmado e conservado na medida em que é apresentado pela linguagem. É por intermédio dela, que o que existe pode ser veiculado e chega a sua efetiva revelação. O testemunho é a condição plural do vir-a-ser juntamente com o que é visto, o que levará a veracidade das coisas será o testemunho, o olhar e a compreensão do outro. Por fim, a autentificação é a condição singular de tornar algo consistente, mesmo que na esfera comum já seja considerado real, é a experiência individual que determinará. Cabe ressaltar que, o que legitimará essa consolidação não é o raciocínio intelectual e sim o crivo da emoção.

3. Resultados e Discussão

Na adolescência, de acordo com Mirabella (2013), a dimensão afetiva se apresenta de forma mais acentuada, provocando transformações no ser como um todo. Entendendo o sujeito como um ser relacional, torna-se fundamental compreender a forma com que os estímulos ambientais são captados pelas pessoas, podendo ser de forma menos ou mais intensa, como argumentado pela autora. Tipicamente, a adolescência é uma etapa em que há um excesso de estímulos, em que o sujeito se encontra mobilizado a ultrapassar aspectos da infância e inseguro em relação às perspectivas da vida adulta, em uma busca constante por seu lugar no mundo.

As ideias expostas pela autora corroboram para a ilustração de que os jovens precisam de espaços que os ajudem a dar significação a esses estímulos, o que se torna ainda mais evidente, no contexto da emergência sanitária vivida durante a pandemia da covid-19. Posto isto, em concordância com Nunes et al. (2020), acredita-se que o grupo é um espaço potente para essas atribuições de sentidos, pois o movimento natural de interações dos sujeitos possibilita um aprendizado vivencial, pautado na dinâmica das relações.

Apesar da proposta inicial ter sido a formação de grupos fechados, com frequência semanal, a experiência dos primeiros encontros com os jovens mostrou que o formato de rodas

de conversa abertas melhor se adequaria ao público, considerando a possibilidade de flexibilização de horários, diante das demandas pessoais de cada um. Assim como apontam Farinha, Centurion e Braga (2019), as rodas de conversa se mostraram como um instrumento potencial para a construção de sentidos múltiplos às experiências dos jovens, o que é possível a partir do relato pessoal e do compartilhamento de ideias. Desse modo, este formato foi mantido até o encerramento do projeto.

Vivenzio, Sousa, Amorim e Farinha (2022), ao relatarem sobre a experiência de realização de um grupo com universitários, citaram uma queixa comum entre eles, relacionada a ausência de apoio e de uma escuta respeitosa e acolhedora sobre as vivências dessa população durante a pandemia. Nesse sentido, havia uma expectativa de que as rodas de conversa favoreceriam a participação de muitos jovens, entretanto o número de participantes nos encontros foi diminuindo. Devido ao modelo adotado, no primeiro mês de realização dos grupos, havia sempre um novo participante, que por vezes não permanecia frequente, sendo que apenas cinco participantes compareceram até o encerramento do projeto. Um detalhe importante sobre o que foi percebido é que somente nos encontros iniciais houve uma maior participação de adolescentes do sexo masculino, o que foi reduzindo com o passar das semanas.

O grupo de coordenadores, durante as supervisões com a professora responsável, questionava quais seriam as objeções para que mais pessoas não buscassem os grupos, considerando o período crítico experienciado pela pandemia, além de ser uma atividade inédita proposta naquela escola. Uma hipótese levantada acerca desse fenômeno está relacionada justamente em razão da porta de entrada e de contato com jovens ter sido através das mídias sociais que professores e coordenadores usavam para se comunicarem com eles, como o *Whatsapp* e *Instagram*. Em alguns momentos, os próprios adolescentes questionaram sobre a relação dos encontros com a escola, o que era explicado no começo de todos os encontros,

principalmente quando haviam novos participantes, mesmo assim, acreditam-se que esse fato tenha criado resistência nos adolescentes.

De modo geral, feita a análise da transcrição dos encontros, alguns aspectos sobre a realização dos grupos on-line com os adolescentes se destacaram, sendo estes divididos em quatro seções, apresentadas na sequência:

3.1. Covid-19: vivências que se esbarram

A pandemia da covid-19 no Brasil teve seu auge de mortalidade nos meses de março a maio de 2021, de acordo com os dados registrados pelo *Our World in Data* (Ritchie, 2022) quando a vacinação ainda estava em fase inicial no país. Paralelo a esse momento de tensão, veio à tona a notícia de que o governo havia recusado a compra, em 2020, de vacinas da Pfizer, do Instituto Butantan e do consórcio *Covax Facility*, acarretando uma revolta na população que viu tantas outras pessoas morrerem em decorrência da infecção pelo vírus. Diante deste cenário, logo no primeiro encontro com o grupo de adolescentes, uma participante manifestou sua sensação de horror ao que era experienciado no Brasil e às notícias que estavam surgindo, o que mobilizou o desabafo de outros participantes, se mostrando indignados e tristes com o contexto brasileiro.

Uma revisão bibliográfica sobre os impactos psicossociais do isolamento social entre crianças e adolescentes, realizada por Santos et al. (2021), mostrou que são diversos os efeitos causados pelo baixo convívio social, sendo os sintomas de depressão e ansiedade os mais identificados nos estudos. O artigo traz um panorama amplo sobre a realidade das crianças e adolescentes em diversos países, o que pode ser observado também na realidade brasileira e refletido nos grupos. Os jovens relataram sentimentos de desesperança, medo e insegurança em relação ao futuro, influenciado não apenas pelo isolamento social, mas pelo contexto sanitário e sociopolítico do Brasil.

Entretanto, naquele momento, também haviam os jovens que, apesar de reconhecerem a gravidade da pandemia, relataram que não estavam fazendo o distanciamento social orientado pela OMS. Em um dos primeiros encontros, uma menina ligou a câmera e mostrou que estava em um local público com muitas pessoas ao redor e depois da fala de protesto realizada por uma colega, saiu da chamada em seguida. Os coordenadores do grupo, com receio de que fosse devido a contraposição de ideias, entraram em contato com ela, que justificou a saída pela falha na conexão. Conforme apresentado por Nunes et al. (2020), é natural que haja divergência de opiniões e condutas em contextos grupais, nesses casos os coordenadores não são orientados a tomarem partido ou intervirem de maneira direta, mas incentivar que o grupo consiga dialogar e construir soluções em conjunto.

Alvim (2014) aponta que os grupos são uma ferramenta capaz de produzir um conhecimento imediato e implícito sobre os sentimentos de viver o aqui-agora (*awareness*), o que ocorre através da excitação entre organismo (sujeitos) e o campo (ambiente das relações). A *awareness* pode ser experienciada a partir da identificação, seja com alguma fala, uma pessoa ou em relação a algum sentimento. Em um dos encontros, um dia após a morte do humorista conhecido nacionalmente, Paulo Gustavo, o luto se tornou a figura central de um dos encontros. Influenciadas pela comoção nas redes sociais daquele dia, as participantes relataram o quão afetadas estavam com o contexto geral do Brasil. Ao irem narrando sobre o processo de adoecimento de Paulo, a torcida em comum pela sua recuperação e o testemunho de sua morte em decorrência de complicações da covid-19, as adolescentes também falavam de seus sentimentos, da angústia, da raiva e da desesperança diante de tudo o que acontecia. Mobilizados com as falas, os coordenadores presentes também se permitiram mostrar as emoções despertadas com a morte do humorista.

Conforme argumentado por Vivencio et al. (2022), é necessário ter abertura aos conteúdos que emergem nas conversas, mesmo sendo um desafio para os coordenadores, como

ocorreu em alguns diálogos. Em momentos pontuais dos grupos, os relatos sobre a morte de familiares, principalmente, das pessoas vitimadas pela covid-19 foram contados pelos jovens: uma avó, um tio, um vizinho, todos conheciam alguém, inclusive aqueles que facilitavam os grupos. Falar de uma dor que também estava sendo vivenciada por eles, de uma forma cuidadosa, responsável e honesta, foi um desafio nesses encontros, pois o fenômeno ocorria simultaneamente aos acontecimentos decorrentes da pandemia.

3.2. Os grupos nas casas

Coelho et al. (2020) apontam que a adoção das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TICs), ultrapassou as funções escolares, chegando também aos cuidados em saúde. Para realização do acolhimento grupal com os adolescentes, apesar dos desafios que o manejo on-line impôs, os recursos utilizados, como o *Whatsapp* e o *Google Meet*, tiveram aderência pelos jovens, que não demonstraram dificuldades de acesso. Entretanto, a maioria deles entrava nas chamadas através dos celulares, pois não tinham computador ou notebook e relatavam instabilidade da rede de internet, por isso às vezes saiam da chamada, até que a rede retornasse ou mantinham as câmeras desligadas para melhorar a estabilidade.

Um dos casos que possibilitou expor essa lacuna foi o de duas irmãs que acessaram pelo mesmo celular, pois era o único disponível e tinham horários específicos para utilizá-lo, considerando que todos da casa usavam o mesmo aparelho. Além disso, algumas pessoas diziam que não poderiam ligar o microfone e/ou a câmera porque estava estragado ou porque a internet estava instável. Autores como Melo (2021) e Beiras et al. (2020), já comentavam sobre esses aspectos ao escrevem sobre os desafios do ensino remoto diante a pandemia da covid-19, argumentando sobre a falta de espaços reservados para o engajamento nas aulas e facilitação da aprendizagem, além dos problemas relacionados a falta de recursos de qualidade dos instrumentos de áudio e vídeo que os estudantes utilizavam.

Outro aspecto que foi percebido como um obstáculo à participação dos jovens, foi a exaustão em relação ao ambiente remoto, associado ao acúmulo de atividades desenvolvidas nesse formato. Isto também foi relatado por muitos participantes, que se diziam cansados de fazer tudo pela internet, sendo a interação com outras pessoas feita apenas através das redes sociais. Santos et al. (2021) destacaram a importância da convivência social para os adolescentes para a construção da identidade e autonomia, perante o desenvolvimento de aspectos éticos, morais e culturais. Durante as rodas de conversa, também houveram relatos de jovens que ainda estavam encontrando os amigos presencialmente, trazendo a perspectiva de que isso os ajudava a enfrentar o momento, pois as atividades coletivas, como jogar futebol na vizinhança ou apenas conversar uns com os outros na rua, traziam momentos de relaxamento e esperança.

Há também o fato de que muitos adolescentes da faixa etária atendida (14 a 19 anos), conciliavam as atividades escolares com o trabalho, uma vez que contribuía com a renda familiar. Dessa forma, alguns jovens alegavam que iriam se atrasar para os encontros, outros comentavam que sairiam mais cedo, porque precisavam ir para o trabalho. Esses fenômenos também foram apontados por Farinha, Centurion e Braga (2019), em um trabalho realizado com universitários, antes da pandemia da covid-19, quando observaram que devido ao grande número de compromissos escolares ou profissionais, os estudantes acabavam se ausentando dos encontros.

Na revisão bibliográfica feita por Lacerda et al. (2022), os autores falam sobre o aumento da sobrecarga doméstica nos lares das famílias mais vulneráveis, nos últimos anos com a pandemia. Semelhante ao observado por eles, ao longo dos encontros, foi possível perceber que alguns jovens realizavam outros deveres enquanto estavam participando dos grupos, fazendo comentários acerca disso, como: “estou lavando louça e ouvindo vocês”, “estou

cozinhando, enquanto ouço vocês”, “hoje eu tive que ficar com meu irmão, enquanto minha mãe descansa um pouco”.

Outro desafio percebido durante as rodas de conversa foi o fato de que os adolescentes, muitas vezes, não conseguiam ambientes tranquilos, sem interrupção, durante o tempo de encontro, como ilustrado por Melo (2021). Para reduzir esse tipo de acontecimento, a estratégia utilizada pelos coordenadores era reforçar, no início das rodas de conversa e sempre que necessário, o sigilo como fator fundamental para continuidade e segurança dos encontros, para isso era pedido que utilizassem fones de ouvido e buscassem estar em um local mais reservado. Mesmo assim, era possível ouvir ruídos ou eles avisavam pelo *chat* e pelo grupo do *Whatsapp* que teriam que sair, devido a entrada de pessoas no ambiente, o que fazia com que eles se desconcentrassem ou saíssem das chamadas.

3.3. Silêncio! Eu quero falar

Alvim (2014) discute sobre o que vai gerar uma distinção entre figura e fundo nas conversas, apontando o excitamento entre organismo-meio como aspecto fundamental, porque é ele que marca o interesse do campo, onde ocorre o estabelecimento das relações no aqui-agora. O conhecimento tácito produzido a partir da experiência, ocorre de modo pré-reflexivo, sem que a consciência interrompa o fluxo do espaço-tempo presentes. Dado o exposto, não é possível afirmar que o elemento que se destaca no movimento grupal é escolhido de forma intencional, pois não é o ego que constitui o sentido do que é vivenciado.

No decorrer da realização dos grupos foi percebido um contraste entre períodos de silêncio e longos discursos. Houveram dias em que pelo baixo número de participantes, os assuntos se esgotavam ou não havia um interesse evidente em prosseguir por muito tempo falando sobre o tema. Do mesmo modo, ocorreram dias em que, apesar da baixa quantidade de pessoas, aconteceram conversas que despertaram o engajamento dos participantes, bem como,

nos grupos maiores. É importante salientar que o silêncio não acontecia apenas da parte dos adolescentes, mas em alguns momentos, os próprios coordenadores, pessoas ainda em formação profissional, também permaneciam em silêncio, seja buscando respeitar o momento dos participantes ou pela dificuldade em realizar alguma intervenção, diante da mobilização que o conteúdo das falas também lhes causava.

Uma observação ressaltada no trabalho de Carneiro et al. (2020) relacionado ao exposto é que os grupos realizados de forma on-line, exigem dos coordenadores uma maior diretividade, pois o silêncio, neste formato, torna-se menos tolerável por parte de quem conduz e dos participantes. Em concordância com os autores, nota-se que diante da dificuldade em lidar com o silêncio, poderiam ter ocorrido outras intervenções possíveis para preencher alguns dos vazios, seja por meio de perguntas reflexivas ou do convite à partilha dos pensamentos acerca dos conteúdos trazidos. Nunes et al. (2020) sugerem que algumas competências são necessárias aos coordenadores dos grupos, pois eles precisam perceber, organizar e desenvolver os fenômenos para o grupo, são exemplos delas: a assertividade, a liderança e a compreensão.

Quando surgiam assuntos delicados, como o relato de violências, a tendência foi que o restante do grupo ficasse em silêncio. Algumas pessoas, diante dessas narrativas, apenas comentavam no *chat*, na tentativa de acolher quem havia falado e se disponibilizando para conversar posteriormente. Outrossim, os coordenadores se dispunham e chamavam essas pessoas no *Whatsapp* após o término dos encontros para entender se precisavam de um acolhimento individual. Assim foi feito com duas irmãs, que quiseram realizar o atendimento e mediante a autorização dos responsáveis, foram encaminhadas para psicoterapia individual na Clínica Escola da Universidade.

Segundo Alvim (2014), a dimensão do sentir na *awareness* perpassa com a experiência da fronteira, de modo que ela é um campo de presença, experienciado no contato com o novo, vivido temporalmente e de forma corpórea. Assim sendo, o silêncio ocorrido diante dos relatos

sobre as violências, pode ter sido uma reação tácita ao que havia sido exposto, devido a esse contato com um conteúdo inesperado e mobilizador para os jovens.

Em contraponto aos períodos longos de silêncio, Ribeiro (1994) assinala que, por vezes, há uma pessoa que emerge como figura em encontros grupais, principalmente quando aborda um tema que causa um envolvimento emocional, deixando os demais participantes como fundo. Nessas situações, o facilitador precisará ter uma percepção sobre qual seria a melhor condução: dedicar o tempo a essa pessoa, para que ela possa falar de si; manter a pessoa como figura, mas participar trazendo a sua percepção e abrindo a participação do grupo; ou abandonar a pessoa como figura e tentar ouvir a percepção do grupo sobre um determinado tema.

Na experiência do presente estudo, duas participantes mantiveram, durante o tempo que participaram dos grupos, falas mais prolongadas e unilaterais, nas quais elas contavam de experiências próprias, trazendo histórias conflituosas, sobre relacionamentos amorosos, com familiares e amigos. Nunes et al. (2020) e Vivencio et al. (2022) corroboram com a ideia de que todo conteúdo emergente nos grupos deve ser valorizado, porque conta daquilo que é importante para os indivíduos. Nesse sentido, as intervenções que foram realizadas frente a esses episódios buscavam além de acolher a fala das participantes, tentar incluir os outros jovens presentes, para que eles pudessem falar sobre como aquelas histórias chegavam para eles e trouxessem contribuições para reflexão de seus colegas.

Um fato que ficou marcado, relacionado ao exposto, foi quando uma participante do gênero feminino fez um longo relato sobre um relacionamento que viveu. Ela contou detalhadamente sobre o que ocorreu, falando de aspectos delicados, como a divulgação de fotos íntimas, traições e alguns sintomas depressivos, o que deixou um contexto de tensão na sala virtual, enquanto o restante a ouvia. Porém, após a saída da chamada do único menino presente naquele dia, todas as meninas, em solidariedade ao que foi compartilhado, ligaram suas câmeras, abraçando virtualmente a colega. Alinhado aos pressupostos de Farinha et al. (2019),

foi percebido que a vivência neste espaço de cuidado grupal corroborou para a reconstrução da identidade daquelas jovens, resultando em um ambiente de acolhimento entre elas, como mostrado nesta cena.

Os momentos de silêncio, com o passar dos encontros diminuíram, assim como, as falas unilaterais dos participantes. Percebe-se que com um maior entrosamento do grupo, depois de um tempo, os jovens também se abriram mais sobre aquilo que os incomodava nos encontros, por exemplo, quando não queriam falar sobre assuntos levantados através de outros participantes ou quando preferiam encerrar os encontros, antes do horário planejado. Esses dados ilustram o princípio de autorregulação, o qual é apresentado por Diógenes (2020), como uma tendência pela busca do equilíbrio, através do desenvolvimento da habilidade de aprender lidar com as situações e se adaptar a elas.

Apesar dos pontos em comuns entre os participantes, também aconteciam discordâncias pontuais, as quais eram manifestadas por eles. Em um dos grupos, discutindo sobre dependência emocional, uma participante discordou com o que a maioria estava falando e afirmou pelo *chat* sua oposição, embora não quisesse expor sua opinião. Naquele momento, as pessoas presentes começaram a encaminhar mensagens pelo *chat* a respondendo, eles disseram que estava tudo bem ela não falar, mas que quando estivesse pronta, eles estariam disponíveis para ouvi-la, salientando que acrescentar uma opinião contrária à discussão enriqueceria a conversa. Nesse caso, além do grupo ter buscado acolher a participante e terem se mostrado abertos às opiniões, eles também fizeram uma adaptação da linguagem, ilustrando o princípio de autorregulação, uma vez que estavam conversando por áudio e, nesse momento, optaram por responder via *chat*.

3.4. Violências: algo a mais me atravessa

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), aborda uma série de legislações sobre a garantia de direitos às crianças e adolescentes, bem como, determina as obrigações legais de

toda a sociedade sobre a proteção e garantia desses direitos. Apesar disso, crianças e adolescentes são um grupo vulnerável a manifestações de violências, como a negligência, violência física e a violência sexual (Albuquerque et al., 2021). Conforme Oliveira et al. (2021) postulam, o espaço doméstico é com frequência o ambiente em que essas violências contra adolescentes são consumadas, um local onde ocorrem relações de confiança, poder ou responsabilidade.

Logo nos primeiros encontros, alguns jovens se manifestaram contando sobre sua história de vida, relatando aspectos como abandono, suicídio e dependência química de algum familiar. O que chama atenção é que, mesmo estando no começo do projeto, eles quiseram compartilhar com seus pares sobre esses fatos pessoais, o que pode ilustrar a facilidade dessa população no estabelecimento de vínculos ou na confiança sobre aquele espaço disponibilizado para eles. Nunes et al. (2020) discorrem que o conteúdo grupal é influenciado pela estrutura formal do grupo, ou seja, pelas características concretas que o englobam, marcando uma estrutura relacional criada nele. Nesse sentido, os jovens diante da pergunta mobilizadora sobre a convivência familiar, testemunhando a abertura de seus pares, se sentiram confortáveis o suficiente para trazer à tona esses assuntos, estabelecendo ali a coesão entre o grupo.

Lacerda et al. (2022) postulam que apesar da pandemia ser mundial, ela é vivenciada de maneiras distintas pela população, em decorrência dos marcadores sociais e econômicos da sociedade. Perante o isolamento social, muitas vítimas de violência intrafamiliar foram forçadas a viverem na mesma habitação que seus agressores, acentuando as situações de violências domésticas. Oliveira et al. (2021) mostraram a percepção de professores sobre o aumento da vulnerabilidade deste público devido ao fechamento das escolas que são fontes de identificação e proteção da integralidade dos jovens. De fato, a impossibilidade de se estar no ambiente protetivo como a escola, pode ter contribuído para que os relatos aparecessem mais rápido nos encontros.

Um dos episódios que causaram maior inquietação foi quando uma participante declarou, através do *chat*, que havia sido vítima de violência sexual intrafamiliar, quando era ainda mais nova e por isso carregava consigo uma sensação de ser insuficiente e inútil ao mundo. Conforme apontado por Albuquerque et al. (2021), a violência praticada contra crianças e adolescente pode gerar danos ao desenvolvimento integral e consequente construção de sua identidade, como mostra o relato.

Depois da fala da colega, todos se silenciaram e não voltaram a comentar sobre isso, apenas o facilitador do grupo fez uma fala de acolhimento, se mostrando sensibilizado pelo que ela falou e se disponibilizando para atendê-la individualmente. Nunes et al. (2020) postulam que todos os assuntos devem ser acolhidos e valorizados pelos coordenadores, mesmo que não se perceba um alinhamento com o objetivo central dos encontros, porque os participantes trazem aquilo que lhe são importantes ou que conseguem expressar. Porém, nessa situação, sendo a primeira vez que um relato de violência sexual foi exposto, os coordenadores se viram diante de um impasse sobre o modo de manejar a intervenção. Com as câmeras da maioria desligadas, não era possível analisar a linguagem não verbal dos participantes, buscando entender qual a mobilização que o conteúdo trazia para cada um. Ademais, a falta de controle sobre o ambiente onde eles estavam, somou ao desafio de manejo.

Ainda assim, a adolescente foi acolhida depois de compartilhar a história e após o término do encontro, a facilitadora foi falar com ela individualmente para entender se havia a necessidade de encaminhá-la para psicoterapia, mas ela disse que já estava realizando acompanhamento pelo Centro de Atenção Psicossocial. Analisando a situação, entende-se que os coordenadores poderiam ter realizado outras intervenções perante o relato, de modo que mesmo diante das limitações impostas pelo on-line, o assunto pudesse ser trabalho com os adolescentes, permitindo que eles trouxessem como o que foi exposto os mobilizava.

A postura adotada no geral, depois de depoimentos sobre aspectos mais complexos, como a violência sexual, foi a de acolher as falas, agradecendo o compartilhamento e oferecendo uma escuta individual após os encontros. Os coordenadores entravam em contato com essas pessoas para, novamente, oferecer um atendimento e entender se havia demanda para um processo de psicoterapia. Apenas duas irmãs quiseram ser atendidas, as quais foram encaminhadas ao atendimento psicológico individual na Clínica Escola da Universidade, mediante a autorização dos responsáveis.

As irmãs em questão chegaram até os grupos já na penúltima semana do projeto, mas logo no primeiro dia, já se mostraram totalmente engajadas com a proposta das rodas de conversa. O assunto elencado para o dia era a respeito do luto, considerando a demanda que surgiu em rodas de conversa anteriores. Elas quiseram falar sobre o entendimento que tinham sobre esse assunto, mas iniciaram com falas muito genéricas, não relacionadas às próprias vivências, até que houve uma mudança no discurso e uma delas pediu licença para que pudesse contar sua história de vida. Durante o relato, elas falaram sobre a dinâmica que constituía a família atualmente, sobre a violência sexual que foram vítimas quando crianças e os acontecimentos decorrentes disso. O movimento grupal desse dia, foi um pouco distinto de quando houve a primeira narrativa sobre violência sexual, porque ali a conversa se desenvolveu naturalmente, as meninas iam contando sobre algumas experiências e relacionando com o tema inicial, de forma que o conteúdo fosse desenvolvido e a outra participante do encontro também fosse incluída.

Partindo do pressuposto de que coesão é a força que une e vincula os membros, acredita-se que mesmo que tenha sido a primeira vez das irmãs nas rodas de conversa, elas se vincularam com as coordenadoras e com a outra adolescente presente, na medida em que se perceberam ouvidas. A autenticidade das interações proposta por Diógenes (2020) e Nunes et al. (2020), tornou-se evidente, assim como o princípio de autorregulação, pois este encontro se

desenvolveu naturalmente, gerando novas significações e aprendizado. Segundo a própria fala das irmãs, a possibilidade de compartilhar sobre aspectos da vida, possibilita construir e ampliar as perspectivas e assim ajudar a seguir em frente.

4. Considerações finais

Acredita-se que o presente trabalho conseguiu atingir seu objetivo ao descrever a experiência de realização de grupos on-line com adolescentes durante a pandemia da covid-19. Diante do exposto, considera-se que a oferta de serviços de acolhimento on-line é uma ferramenta potencial de cuidado aos adolescentes. Em contraponto aos desafios apresentados, o grupo também evidenciou ser um espaço muito legítimo de abertura, para que os jovens compartilhassem suas queixas e dialogassem com seus pares sobre assuntos que eram comuns a todos, como a pandemia, o luto, a adaptação ao ensino remoto, os anseios em relação ao futuro profissional.

Ademais esse lugar de escuta e acolhimento, favoreceu a construção de laços e o fortalecimento psicossocial desses jovens. Ao final de cada encontro, se buscou mapear como os jovens estavam saindo dali e eles se manifestaram agradecendo pelo tempo dedicado a eles, pela receptividade e pela troca proporcionada pelas rodas de conversa. Mesmo não sendo um espaço psicoterapêutico, a existência dos grupos deu àqueles jovens uma possibilidade de fortalecerem laços, estarem entre seus pares e darem significados às experiências sobre a própria juventude e seus atravessamentos, para além de questões apenas voltadas à pandemia.

Sabendo das diferentes e amplas especificidades culturais, sociais e econômicas, o presente estudo possui limitações no que tange a generalização dos resultados encontrados. Entretanto, diante da escassez de estudos recentes acerca de grupos com adolescentes, entende-se que este é um material que pode influenciar novos trabalhos. Dessa forma, é sugerido a realização de novos grupos on-line com adolescentes, considerando a retomada das aulas

presenciais do ensino público brasileiro e buscando contemplar outras regiões brasileiras, identificando as semelhanças e diferenças entre os contextos nessa modalidade.

Referências

- Alvim, M. B. (2014). Awareness: experiência e saber da experiência. In: Frazão, L. M., & Fukumitsu, K. O. (Orgs.). *Gestalt-terapia: conceitos fundamentais* (pp. 13-30). São Paulo: Summus Editorial Ltda.
- Beiras, A., Bronz, A., & Schneider, P. F. (2020). Grupos reflexivos de gênero para homens no ambiente virtual-primeiras adaptações, desafios metodológicos e potencialidades. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 29(68), 61-75. <https://doi.org/10.38034/nps.v29i68.606>
- Branquinho, C., Santos, A. C., & Matos, M. G. (2020). A covid-19 e a voz dos adolescentes e jovens em confinamento social. *Psicologia, Saúde & Doença*, 21(3), 624-632. <http://dx.doi.org/10.15309/20psd210307>
- Carneiro, L. A., Stefanini, J. R., Farinha, M. G., dos Santos, K. D., da Mota, T. P., & Valentin, F. (2020). TOCA—grupo terapêutico online: relato de uma ação de cuidado em saúde mental para estudantes e profissionais da saúde no contexto da pandemia covid-19.

Anais do Seminário Regional de Extensão Universitária da Região Centro-Oeste (SEREX) (ISSN 2764-1570), (4), 120-120.

- Coelho, A. L., de Araujo Moraes, I., & da Silva Rosa, W. V. (2020). A utilização de tecnologias da informação em saúde para o enfrentamento da pandemia do covid-19 no Brasil. *Cadernos Ibero-Americanos de Direito Sanitário*, 9(3), 183-199. <https://doi.org/10.17566/ciads.v9i3.709>
- Costa, J. R. da, Magalhães, B. de C., Silva, M. M. de O., & Albuquerque, G. A. (2021). Violência contra adolescentes: fatores associados, manifestações e enfrentamento. *Revista Saúde.Com*, 17(3). <https://doi.org/10.22481/rsc.v17i3.6581>
- Costa, L. C. R., Gonçalves, M., Sabino, F. H. O., Oliveira, W. A. D., & Carlos, D. M. (2021). Adolescer em meio à pandemia de covid-19: um olhar da teoria do amadurecimento de Winnicott. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 25. <https://doi.org/10.1590/Interface.200801>
- Critelli, D. M. Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica. *São Paulo (SP): EDUC/Brasiliense*; 1996.
- Diógenes, J. M. P. (2020). Pensar e fazer grupos na Estratégia Saúde da Família: a abordagem gestáltica como escolha.
- Farinha, M. G., Centurion, N. B., Braga, T. B. M., & Stefanini, J. R. (2019). Rodas de conversa com universitários: prevenção e promoção de saúde. *Revista do NUFEN*, 11(2), 19-38. <http://dx.doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol11.n02artigo51>
- Frazão, L. M., & Fukumitsu, K. O. (2014). *Gestalt-terapia: conceitos fundamentais*. São Paulo: Summus Editorial Ltda.
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. (2021). *Censo Escolar*. Brasília. Recuperado de <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de->

[atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar/pesquisas
suplementares/pesquisa-covid-19](#)

- Lacerda, T. O., Santos, L. G. S., Costa, R. B., Rebouças, Z. D. S. M., & Bonfim, C. B. (2022). O “novo normal” no fazer da Psicologia. *Práticas e Cuidado: Revista de Saúde Coletiva*, 3(e11731-e11731), 1-28.
- Malta, D. C., Gomes, C. S., Barros, M. B. D. A., Lima, M. G., Silva, A. G. D., Cardoso, L. S. D. M., & Szwarcwald, C. L. (2021). A pandemia de covid-19 e mudanças nos estilos de vida dos adolescentes brasileiros. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 24(e210012), 1-13. <https://doi.org/10.1590/1980-549720210012>
- Melo, M. A. F. (2021). Pandemia da covid-19: efeitos retratados na educação pública brasileira. *Boletim de Conjuntura (BOCA)*, 7(20), 79-97. <https://doi.org/10.5281/zenodo.5194239>
- Mirabella, A. M. (2013). Afetividade na adolescência. In: Zanella, R. (Org.), *A Clínica Gestáltica com Adolescentes: caminhos clínicos e institucionais* (pp. 11-30). São Paulo: Summus Editorial Ltda.
- Muniz, C. R., Leugi, G. B., de Marco Pereira, C., Przybilowicz, É., & Alves, A. M. (2021). Uma análise sobre exclusão digital durante a pandemia de covid-19 no Brasil: Quem tem direito às cidades inteligentes?. *Revista de Direito da Cidade*, 13(2), 700-728. <https://doi.org/10.12957/rdc.2021.54909>
- Nascimento, M. L., & Lemos, F. C. S. (2020). A pesquisa-intervenção em Psicologia: os usos do diário de campo. *Barbarói*, (57), 239-253. <https://doi.org/10.17058/barbaroi.v0i57.14675>
- Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. (2021). *Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros: TIC Domicílios 2020*. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil. Recuperado de

https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20211124201233/tic_domicilios_2020_livro_eletronico.pdf

- Nunes, F. C., Farinha, M. G., Valentin, F., Barbosa, M. A., & dos Santos Rúa, M. (2020). Dinâmica de grupo e pesquisa-ação em saúde: possibilidades de aplicação. *Millenium*, 2(11), 65-71. <https://doi.org/10.29352/mill0211.07.00273>
- Oliveira, A. P. F. D., Souza, M. S. D., Sabino, F. H. D. O., Vicente, A. R., & Carlos, D. M. (2021). Violência contra crianças e adolescentes e pandemia—Contexto e possibilidades para profissionais da educação. *Escola Anna Nery*, 26. <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2021-0250>
- Ribeiro, J. P. (1994). *O processo grupal: uma abordagem fenomenológica da teoria do campo e da holística*. São Paulo: Summus Editorial Ltda.
- Ritchie, H., Mathieu, E., Rodés-Guirao L., Appel, C., Giattino, C., Ortiz-Ospina, E., Hasell J., Macdonald B., Beltekian D., & Roser M. (2020). Covid-19 Data Explorer. <https://ourworldindata.org/covid-deaths>
- Santos, L. C., Pinheiro, T. J. S., Andrade, T. I. X. de, Sousa, P. H. A., Braga, P. P., & Romano, M. C. C. (2021). Impactos psicossociais do isolamento social por covid-19 em crianças, adolescentes e jovens: scoping review. *Revista De Enfermagem Da UFSM*, 11, e73. <https://doi.org/10.5902/2179769265407>
- Santos, T. S., Pedroza, N. S., Donelate, C., & da Silva, A. M. B. F. (2021). Reflexo da pandemia na saúde mental dos adolescentes. *RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplina*, 2(6), 1-9. <https://doi.org/10.47820/recima21.v2i6.498>
- Szymanski, Heloisa, & Engler Cury, Vera (2004). A pesquisa intervenção em psicologia da educação e clínica: pesquisa e prática psicológica. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 9(2), 355-364. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2004000200018>

Vivenzio, R. A., Amorim, A. E. R., Sousa, J. M., & Farinha, M. G. (2022). Grupo terapêutico on-line: dispositivo de cuidado para saúde mental de universitários em tempos de pandemia. *Revista De Psicologia*, 13(2), 71-79.
<https://doi.org/10.36517/10.36517/revpsiufc.13.2.2022.5>

Zanella, R. & Zanini, M. E. B. (2013). Atendendo adolescentes na contemporaneidade. In: Zanella, R. (Org.). *A Clínica Gestáltica com Adolescentes: caminhos clínicos e institucionais*. (pp. 59-76). São Paulo: Summus Editorial Ltda.